

Hospital rebate as acusações

De posse dos laudos preparados nos dois dias em que Wesley José esteve internado no Hospital de Base e da Guia de Atendimento de Emergência (GAE), o chefe da emergência do HBDF, cirurgião-geral Wanderley Macedo de Almeida — 17 anos de profissão — garante que pelo menos três neurocirurgiões atenderam o rapaz. Para confirmar, o médico mostra as anotações feitas pelos profissionais, como drogas e procedimentos ministrados ao paciente.

“Ele tinha um tumor na região temporal esquerda (perto da orelha), que a equipe suspeitava ser maligno. Chegou aqui anêmico, sonolento e com pressão baixa”, descreve.

Segundo Macedo, no dia 18, às 3h15 da madrugada, ele saía de uma cirurgia quando passou pelo Setor de Politraumatizados. “Ouvi os gritos da mãe e, embora não seja neurocirurgião, fui atendê-la.

O paciente estava com a pressão quase a zero, cianótico (roxo) e já em estado de pré-coma. Fez até uma parada respiratória”, detalha o cirurgião.

“Fiz medicação com corticosteroide” (antiinflamatório, para diminuir o edema cerebral e amenizar a dor), completa.

Às 4h20, o estado de Wesley piorou e, pouco tempo depois, ele morreu.

Maria José, a mãe de Wesley, não se segurou. Gritou e teve que ser retirada do local por um segurança.

O marido de Maria e pai de Wesley, o vigia desempregado Raimundo Silva, chora até hoje, compulsivamente, quando se fala no rapaz. “Ele tá pior que eu”, diz Maria.